

ENTRE CARTAS, POEMAS E “UM BRIÊTE” DE RENATO CALDAS

Izabel Cristina da Costa Bezerra Oliveira (UERN/ IFESP)
Cássia de Fátima Matos dos Santos (UERN)

Resumo: Estudo sobre a poesia do norte rio-grandense Renato Caldas por meio de três poemas do seu livro mais conhecido, *Fulô do Mato* (1984): “Carta rimada”, “Carta matuta ao exmº Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Cirne Lima” e “Um briête”. Por muito tempo, os escritores de nossa literatura mantiveram o costume de corresponder-se através de cartas e, nesse contexto, inclui-se o poeta Renato Caldas. Em sua poética, o autor descreve e denuncia as necessidades urgentes do sertão nordestino, destacando, por um lado, particularidades da problemática do espaço, como a seca e, de outro, modo de vida do povo. Apresenta-nos um texto simples, porém rico em detalhes e expressões que valorizam o espaço, os seres, a natureza, a forma de vida, ações e reflexões do homem no meio rural e, enfaticamente, a linguagem peculiar da região. Para realizar a leitura do *corpus*, partiu-se de Candido (2000), Staiger (1972), Cascudo (1984), Wanderley (1965a), dentre outros.

Palavras-chave: Literatura, carta, poesia, Renato Caldas.

Abstract: This paper is a study about the poetry of the norte-rio-grandense Renato Caldas throughout three poems extracted from his famous book, *Fulô do Mato* (1984): “Carta rimada”, “Carta matuta ao exmº Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Cirne Lima”, and “Um briête”. For a long time, the writers of our literature kept in touch through correspondence and, in this context, the poet Renato Caldas is one of these authors. In his poetry, the writer describes and reports about the urgent needs which exist in the sertão nordestino, on the one hand emphasizing the particularities of the problems in this region, as the constant drought and, by the other hand, the people’s way of life. He brings us a simple text, but full of details and expressions that enrich this region, as well as those who live there, the nature, the way of life, the actions and thoughts of the man of the field, and, emphatically, the popular language of that region. As for the lecture to form a *corpus*, there are names as Candido (2000), Staiger(1972), Cascudo (1984), Wanderley (1965a), among other authors.

Key-words: Literature, letters, poetry, Renato Caldas.

Introdução

É sabido que durante muito tempo, especialmente quando ainda não se dispunha de tantos meios rápidos e imediatos de locomoção como os da atualidade, os intelectuais interessados no desenvolvimento cultural do país e de suas regiões usavam as cartas como veículo para divulgar e colher os mais diversos tipos de informações e conhecimentos específicos que desejavam.

Nesse contexto, os escritores do Rio Grande do Norte, “Afastados dos meios intelectuais hegemônicos, compartilhavam essa condição com a realidade da maioria

dos intelectuais de diversas regiões do Brasil”, sendo assim, “escrever cartas era uma das únicas formas de intercâmbio entre intelectuais distanciados fisicamente e, conseqüentemente, uma rotina fartamente explorada nos seus hábitos literários” (ARAÚJO, 2010, p. 06).

O interesse na dinâmica dessas correspondências, bem como nos conteúdos e discussões nelas veiculados, instiga os pesquisadores na busca de compreensão dessas trocas, mesmo quando elas possam parecer ingênuas, como os poemas escritos sob a forma de cartas para mandar recados a políticos ou a amigos. Nessa perspectiva, este estudo limita-se a discutir duas cartas escritas por Câmara Cascudo para dois escritores (Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade), nas quais expõe o seu desejo de que aqueles poetas conhecessem um seu conterrâneo, um poeta das “letras populares”, Renato Caldas. Associado a isso, exploram-se três poemas desse poeta: “Carta rimada”, “Carta matuta ao exmº Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Cirne Lima” e “Um briête”, todos publicados na 6ª edição do livro *Fulô do mato* (1984). Nesses poemas, há a presença de aspectos regionalistas, como a condição de pobreza e dependência do povo nordestino, da religiosidade, de elementos da cultura popular e da modernização da sociedade nordestina.

O estudo, portanto, encontra-se dividido em três itens, a saber: no primeiro, apresentam-se aspectos da biografia do poeta Renato Caldas; no segundo, as cartas escritas por Câmara Cascudo e, por fim, uma análise dos três poemas.

1. Renato Caldas: “um poeta de letras populares”

*Açu, terra dos poetas
Dos carnaubais que reluz
Onde a “Fulô” de Renato
Transborda, brilha e seduz.
(Francisco de Assis Medeiros)*

Renato Caldas (1902-1991), poeta açuense, projetou-se no cenário da literatura norte-rio-grandense ao publicar a obra *Fulô do mato*, em 1939. Vivendo em uma época em que o escritor não sobrevivia da literatura, o homem Renato Caldas desempenhou algumas funções pelo país afora: trabalhou como tipógrafo, motorista e mensageiro dos correios e telégrafos na terra natal. No Rio de Janeiro, continuou como tipógrafo e caixeiro viajante. Retornando às origens, colaborou em diversos jornais, como: *Libertador*, *Jornal do Comércio*, *A Mutuca*, *Tribuna* e *Paládio*.

O poeta itinerante viajava não só para galgar uma profissão mais promissora, mas também para divulgar sua poesia. No começo, os estados escolhidos eram o Rio de Janeiro e São Paulo, e neste, mais precisamente a cidade de Santos. Em meados de 1928, retorna à “terra dos poetas” e volta a colaborar nos espaços jornalísticos de *O Beija-flor* e *O Gato*, ambos da cidade de Açu, publicando textos de gêneros variados. Um ser humano inquieto, não suportava passar muito tempo na terra natal, sem ver de fato as inovações da modernidade que já aconteciam no eixo Rio/São Paulo. Por ter essa personalidade, resolveu viajar pelas cidades interioranas dos estados da Paraíba, Pernambuco, Sergipe, Alagoas e Bahia sempre acompanhado de suas poesias e de sua viola. Sabe-se que alcançou êxito nessa excursão, fez bons contatos e passou a divulgar cada vez mais a sua literatura.

Embora com vasta publicação esparsa, o poeta só ganhou reconhecimento dos leitores de sua região e do estado do Rio Grande do Norte a partir da publicação de *Fulô do mato*. É importante mencionar que essa obra encontra-se hoje na oitava edição e foi bem recomendada por Câmara Cascudo em cartas enviadas aos poetas Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade. O poeta açuense também recebeu uma ótima avaliação de sua obra do então poeta Catulo Cearense em carta enviada pelo amigo comum Junquilha Lourival. Renato Caldas tinha ainda três obras a publicar: *Posta restante*, *Mesa de bar* e *Sertão vadio*. Mas, em uma de suas viagens, esqueceu a maleta com os originais das obras em um trem e não pôde jamais reavê-los.

Sabe-se que, como cidadão açuense, Renato Caldas sempre se orgulhou pelo fato de sua cidade natal ser reconhecida em todo o estado do Rio Grande do Norte como a “Terra dos poetas”. E aí, enquanto leitores, podemos questionar: por que a cidade do Açu e não outra qualquer de nosso estado recebeu carinhosamente esse título? Para tal questionamento, temos uma explicação: no ano de 1922, o também poeta açuense Ezequiel Wanderley fez uma seleção de poesias dos principais poetas potiguares na década de 1920 e o estudo resultou na publicação do livro *Poetas do Rio Grande do Norte*. Para tanto, dos 108 poetas citados na obra, 29 eram da cidade de Açu. O título então, “Açu, cidade dos poetas”, advém da publicação da antologia organizada por Ezequiel Wanderley e da expressiva autoria de escritores açuenses. Reforçando este primeiro fato, Romulo Wanderley, que organizou e publicou, em 1965, *Panorama da poesia norte-rio-grandense*, engloba a pesquisa de Ezequiel e acrescenta os novos de então. Além desse livro, o autor também publicou, no mesmo ano, *Canção da terra dos carnaubais*, cujo título é bastante indicativo do produto econômico de maior visibilidade da região, a carnaúba, e no qual assinala:

Estudando-se a literatura potiguar, conclui-se que nenhuma outra cidade, com exceção de Natal, tem sido berço de tantos poetas, seresteiros e boêmios. Eles nascem com a vocação irresistível dos menestréis. Versejam com a inteligência que Deus lhes dá, às vezes sem instrução e sem cultura (WANDERLEY, 1965b, p. 29).

Nota-se, com isso, que a atividade de produzir versos não estava ligada, necessariamente, à erudição, mas à grande presença dos versejadores natos, aqueles que criam sem ter passado pelos bancos escolares e têm a memória como repositório. Ao registrar a imagem, a vida, os dramas e traumas, a alegria e os anseios dos seus conterrâneos do Vale do Açu, o poeta em estudo ultrapassa as barreiras regionais, não apenas por denunciar a grave e difícil vida do sertanejo, mas também por ter tido parte de sua produção poética traduzida para o inglês em 1991, pelo então professor Gerald Stanley.¹ Por outro lado, faz parte daquele universo de autores a quem Câmara Cascudo irá se referir como “poeta de letras populares”. Passemos a esse olhar.

¹ O poeta Renato Caldas teve alguns poemas traduzidos para a língua inglesa pelo professor Gerald Standey, da Universidade da Flórida. Os textos foram publicados na Revista cultural *Internacional Poetry Review*, em 1991. Dentre as poesias traduzidas, citamos: “Arvorada matuta”, “Juramento”, “Minha casinha” e “Fulô do mato”.

2. Cartas de Cascudo: uma ponte para transportar Renato Caldas

Em 18 de agosto de 1945, o escritor Câmara Cascudo recomenda a poesia de Renato Caldas aos poetas Lêdo Ivo e Carlos Drummond de Andrade, por meio de cartas. Escritas no mesmo dia, o folclorista expõe nelas uma descrição pontual, simples e objetiva sobre a poesia regional do autor de *Fulô do mato*. Por outro lado, o poeta açuense, na sexta edição no seu livro, antes de transcrevê-las, coloca como título “Cartas que estão guardadas na posta restante do meu coração”. Com isso, pode-se perceber o lugar especial e o significado que tiveram essas missivas de Cascudo endereçadas aos renomados poetas da literatura nacional, no coração e na vida literária de Renato Caldas. Começemos por ler a carta endereçada a Lêdo Ivo:

Natal, 18-VIII-1945
Poeta Lêdo Ivo

Poeta por poeta seja tratado e assim, com um abraço, tenho toda alegria em mostrar a você o meu velho camarada e amigo secular Renato Caldas, poeta de letras populares, cheio de verve e de obstinação mental, vivo como um pé de vento. Renato vai publicar o livro dele em segunda polarização e eu peço para ele sua amizade natural, nos vários planos de coração e de espírito. Será uma relação que você não esquecerá porque o Renato é miolo de aroeira, não esquecendo ponta de prego que o riscou nem cheiro de flor roçando nas folhas. Mande-me suas notícias. Tenho lido os poemas, clareira no meio dessa poeirada política indispensável. Como vai o diretor? Lembre-se respeitosamente. Abrace aí o Renato e disponha do seu velho e certo adm. e amº.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Esta carta escrita por Cascudo para um poeta importante, de origem nordestina, com um nome consolidado nacionalmente, teve o objetivo de divulgar a poesia de um “poeta de letras populares”, Renato Caldas. Tal gesto deixaria qualquer escritor em início de carreira literária feliz, satisfeito de ver sua produção lida e analisada por um olhar crítico de quem entende de poesia. Cascudo usa a expressão “miolo de aroeira” para definir o poeta. Metáfora um tanto forte, uma vez que a aroeira é árvore resistente e usada para fazer produtos para durar e não serem carcomidos pela ação do tempo. Além disso, o autor da carta sinaliza que o poeta não esquece “ponta de prego que o riscou”, talvez por ser dotado de uma memória capaz de lembrar sempre qualquer coisa que lhe façam, mas igualmente capaz de captar o “cheiro de flor roçando nas folhas”,

demonstrando a sensibilidade para as coisas simples e imperceptíveis para a maioria das pessoas, destacando desse modo o seu ser de poeta.

A carta breve e objetiva de Cascudo escrita a Lêdo Ivo para apresentar e, conseqüentemente, divulgar a poesia do poeta popular Renato Caldas não lhe diminui em nada o valor, pois o zelo com que foi escrita é expresso nas palavras calculadas que definem a qualidade da poesia por meio da adjetivação do poeta. Igual tom usará Cascudo ao escrever outra carta, dessa vez para Carlos Drummond de Andrade, a quem o autor de *Literatura oral no Brasil* trata por amigo. Segue a transcrição:

Natal, 18-VIII-1945
Rua da Conceição, 565
Amigo Carlos Drummond de Andrade

Peço licença para apresentar ao meu velho Renato Caldas, poeta, um dos mais conhecidos e amados desse nordeste, fixador de espírito popular, fornecedor anônimo de imagens que se tornam folclóricas. Renato vai publicar o livro dele, a segunda edição, segunda encarnação, mais gorda, ágil e sacudida. Desejava merecer sua atenção para esse meu camarada de tantos anos e sonhos. É um modelo da força espontânea e clara dessa região que você devia conhecer de perto, com os olhos, pelador e pé, sabendo-a, como sabe, pela sensibilidade.

Mande-me notícias. Antecipo os agradecimentos e aqui estou, na forma do costume, longe dos olhos e perto do coração.

Muito cordialmente, o velho adm. e amº.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Nessa carta, Câmara Cascudo recomenda *Fulô do mato* ao poeta mineiro com o objetivo de apresentar a poesia de Renato Caldas ao escritor nato, entendedor da boa literatura. Em texto curto, característico da época, o folclorista deixa claro um anseio na missiva: “desejava merecer sua atenção para esse meu camarada de tantos anos e sonhos. É um modelo da força espontânea e clara dessa região que você devia conhecer de perto [...]”. Tal atitude do mestre Cascudo, de apresentar a poesia de um autor não conhecido a escritores renomados no contexto literário brasileiro, se repetiu com outros escritores potiguares que tiveram suas obras recomendadas pelo autor de *Alma Patrícia* (1921). Nesse sentido, a função de Cascudo se reveste de uma importância singular, pois sendo um intelectual respeitado, torna-se uma ponte capaz de veicular as informações entre o Nordeste e as demais regiões, por meio do contato com figuras proeminentes do universo cultural brasileiro. A função do intelectual se destaca então pela solidariedade entre os seus, cujo interesse maior parece ser o de divulgar as

produções culturais da região, fazê-las conhecidas, tarefa que Cascudo iniciara nos anos 1920, em sua correspondência com o escritor Mário de Andrade, em que revelou o poeta potiguar Jorge Fernandes.

3. Nordeste: seca, “revolução” e vaqueiros

Nesta parte do estudo, passemos à análise dos textos “Carta rimada”, “Carta matuta ao exmº Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Cirne Lima” e “Um briête”, todos publicados na sexta edição do livro *Fulô do mato* (1984).

O poema “Carta rimada”, não fosse pelo título, não nos lembraria uma carta, pois não segue a “forma composicional” do gênero. Supomos que o destinatário do poema-carta seja o “cumpadre Zé Raiz”, pois é ele o interlocutor do eu lírico.

No aspecto formal, o poema é composto por doze estrofes, apresentando predominantemente o esquema de rimas AABCCB, da primeira à sexta estrofe. Tal esquema também se repete na oitava e nona partes. Das quatro estrofes que não seguem o esquema citado, o poeta optou por quebrar um pouco o ritmo do poema ao passar, paulatinamente, na sétima estrofe, ao esquema AABCB. Por conseguinte, retoma um ritmo mais diversificado ao apresentar ao leitor uma única estrofe composta por doze versos com o esquema AABCCBDDDBEEB. “Carta rimada” é finalizada com um esquema de rimas AABCCBDDDB em que o autor distribuiu harmonicamente a fala do eu lírico creditando todo o progresso da cidade “Chegando/ das mão da Revolução”.

O eu lírico do poema reflete a imagem do homem rural que guarda na memória e expressa através de uma carta rimada as dificuldades do cotidiano pelas quais passam os nordestinos, mais precisamente, o homem do sertão, aquele ser “[...] desprezado.../ somente sendo alebrado/ quando havia inleição”. As promessas não cumpridas dos políticos perante a população carente não foram um triste momento social vivido apenas pelos cidadãos do século passado, no período em que Renato Caldas escreveu sua obra, pois os “Cumpadres Zé Raiz” continuam a sofrer com o descaso das autoridades, pois o problema secular da seca no sertão nordestino persiste até os dias atuais. Traduzindo em versos o sentimento de desamparo dos seus conterrâneos, o eu lírico coloca o leitor diante da situação incômoda em que se encontrava a população, como podemos ver na segunda e terceira estrofes:

– Ninguém sofria aperreio,
Tinha jipe pra passeio...
Era aquela adulação!

Porém, logo noutro dia
Se o inleítô aparecia
tava fechado o portão.

O emprego prometido?
O chefe tinha esquecido
adespois da votação.
Pois tudo quanto ele dixé
Num passava da imundice
De fazê imbromação.

Nas memórias do eu lírico, podemos perceber o quanto o homem nordestino desejava algo de concreto para amenizar o sofrimento trazido pelas constantes secas sofridas pela região Nordeste do nosso país. Vivendo da agricultura, o sertanejo estava sempre a alimentar uma esperança de solução dos problemas com os quais se deparava. Já para o poeta:

A Revolução abriu
as grandes asas, subiu,
e oiô de riba — a Nação.
Norte, Sú, Leste e Oeste.
Quando chegô no nordeste,
viu a nossa precisão.

Nordeste desamparado!
Pôvo pobe, abandonado,
Sem arrimo e sem proteção!
E o Marechá incontinenti
Sarvá a situação.

Confiando nos feitos da Revolução² para resolver os problemas dos nordestinos, o eu lírico comprova que o progresso chegou à cidade ao mencionar os elementos da modernidade como “água na cidade”, “luz boa de verdade” e “letrificação”. No entanto, percebemos uma ingenuidade na forma como enxerga as figuras políticas tradicionais, delegando-lhes o poder de transformação, como nesses versos: “Dotô Dizui Rosado³,/ prometeu e está provado/ o progresso no Sertão”.

² Os poemas aqui apresentados não fazem parte da 1ª edição do livro *Fulô do mato*, de 1939. Ao que parece, o poeta foi incorporando novos poemas às edições seguintes. Nesse sentido, ao que tudo indica, esse poema fala da “revolução” de 1964.

³ Jerônimo Dix-huit Rosado Maia foi tenente-coronel e chefe de saúde da Polícia Militar do Rio Grande do Norte. Ingressou na política em 1945, como deputado estadual; exerceu dois mandatos de deputado federal, em 1950 e 1954. Eleito senador em 1958, exerceu o mandato de 1959 a 1966. Ainda na década de 60, Dix-huit foi nomeado pelo presidente Costa e Silva para ocupar a presidência do INDA – Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário – período em que implantou a ESAM – Escola Superior de Agronomia de Mossoró. Foi prefeito de Mossoró em três mandatos que se iniciaram respectivamente em: 1972, 1982 e 1992.

Há, nas palavras do eu lírico, um sujeito consciente de que o espaço sertão não é mais o mesmo, pois até o “Marechá Presidente” vai conhecer aquele lugar sofrido, mas cheio de elementos reveladores de uma vida singela, saudável e alegre para o homem do campo. A partir de uma linguagem tipicamente oral, vimos um convite feito à autoridade máxima da nação para praticar ações simples, mas bastante significativas na vida do homem nordestino em sua terra natal, como essas expressas na décima estrofe:

[...]
 Vem conhecê o sertão!
 Comê uma carne assada,
 Deitá numa rêde lavada,
 E um cobertô de chitão,
 Oiá o Só, no horizonte,
 Bebê a água na fonte,
 Das cacimbas do sertão!
 Pegá na mão do vaquero,
 Sentí Cuma é brasileiro
 O nosso aperto de mão!

O poema “Carta rimada” representa, estruturalmente, na maior parte de sua composição, a linguagem oral do nordestino pobre. Logo, há um ajustamento entre linguagem e temas, ambos intrinsecamente representados. No ritmo de introduzir ao “Marechá Presidente” a boa receptividade do povo nordestino, o poeta ameniza os possíveis problemas sofridos por esse povo. O verdadeiro problema se dilui em “apertos de mão” e obras de melhorias de vida cujo alcance é, salvo exceções, limitado.

O poeta refere-se em seu poema à “Revolução”. No entanto, em uma compreensão mais crítica da história, sabe-se que se tratou de um golpe militar, que destituiu, em 1964, o governo de João Goulart, cujo apoio se dava nas camadas mais à esquerda da sociedade e propunha as “reformas de base”, a começar pela reforma agrária.

A carta-poema pode ser vista como elemento de interlocução entre o representante da sociedade sertaneja e o poder político, veiculando o desejo do homem simples e utilizando-se da linguagem poética para isso, considerando-se que ela possa ter algum alcance. Escrito em linguagem que imita a fala popular, ele segue uma linhagem de denúncia social, muito comum nesse gênero poético. Há, todavia, contradições no discurso lírico, uma vez que tais denúncias são expressas por vias já conhecidas, por que não dizer repetitivas, de uma condição de dependência das classes

pobres do Nordeste. Por outro lado, o tom eufórico em relação às inovações trazidas pelo governo militar revela certa ingenuidade ou conservadorismo do sujeito lírico, que adere à “revolução”. No entanto, como é própria da linguagem, ela também permite que se perceba o lado “azedo” da “revolução”, como se pode ler nessa estrofe:

Mais, meu cumpadre, o Exerço,
Preparô um retrocesso:
E fez a revolução
A coisa ficô azeda,
O “Verde” achô a verêda
Da loca da corrupção.

O poema segue relatando sobre a fuga dos adversários da revolução, da cassação dos direitos políticos para, em seguida, retomar melhorias obtidas para a população, conforme já expressei acima, como as conquistas do processo modernizador. Tal modernização é conservadora, pois não altera as problemáticas estruturais da sociedade, modificando a realidade somente de forma muito tímida. O próprio poema pode ser tomado como exemplo, uma vez que reitera o problema da seca, suas consequências nefastas para o homem do campo e a sua manutenção secular. O texto como um todo exalta as vantagens advindas do olhar da “revolução” para o Nordeste, reiterando, inclusive, a figura do imperador Pedro II, evidenciando assim a visão do poeta e o velho posicionamento de parte da classe intelectual, e também política, de um Nordeste subjugado às dificuldades próprias do clima e, por conseguinte, de uma região que necessita de uma espécie de salvador, como se pode ler:

Nordeste desamparado!
Povo pôbe, abandonado, [...]
E o Marechá incontinenti
Sarvá a situação.

O texto revela ainda um aspecto importante da cultura do nordestino: a devoção a algum santo padroeiro da região e, em muitos casos, o santo propício para cada momento de dificuldade vivida. Assim, mais que um tema a ser tratado no poema de Renato Caldas, “esse fixador de espírito popular”, como bem afirmou Câmara Cascudo, tal assunto, mesmo tendo sido pouco mencionado, acabou arrematando a carta-poema, a carta rimada, a carta denúncia, evocando, metaforicamente, na figura do “Cumpadre Zé Raiz” para pedir a Santa Luzia, protetora dos olhos, o discernimento de ver, sentir e compreender o progresso chegando no espaço do sertão a partir da “Revolução”:

[...]
 E peça a Santa Luzia
 Pra clariá nesse dia
 a nossa compreensão,
 vendo, sentindo e pegando
 em tudo que tá chegando
 das mão da Revolução.

Sendo assim, a perspectiva religiosa parece contribuir, neste caso, para reforçar uma conclusão que inclui a fé nas promessas da “Revolução”.

Em “Carta matuta ao exmº Sr. Ministro da Agricultura, Dr. Cirne Lima”, o poeta retoma a problemática vivida pelo nordestino em época de seca, bem como os vivos à “revolução”. Tal missiva mostra como bem “antenado” politicamente se encontrava o escritor açuense ao elaborar a carta-poema, pois de fato a visita aconteceu no estado do Rio Grande do Norte, em 04 de abril de 1970 e, na ocasião, o gaúcho Luís Fernando Cirne Lima era o Ministro da Agricultura. De um fato político, portanto, deu-se a inspiração do autor para a composição poética da “carta matuta”.

O relato dos acontecimentos é feito por um cidadão que expõe sua região, os problemas e anseios de seu povo. Mas também, enquanto lida com as dificuldades de sua terra, o eu lírico mostra-se conhecedor da literatura canônica ao fazer alusão a uma frase bastante conhecida do público leitor e pensada inicialmente pelo escritor Euclides da Cunha, quando afirmou em *Os sertões* que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte”. Considerando, pois, a posteridade de *Fulô do mato*, essa inferência que o poeta açuense fez à obra do sociólogo revela-nos a preocupação constante e cuidadosa com a sua gente, observando principalmente o estilo de vida, a economia e as condições rudimentares do homem do campo, como podemos observar nos versos (10º ao 18º):

O Matuto do Nordeste
 Só tem a roupa que veste,
 Uma inxada véia e um facão.
 Sinhô Ministro, a hora é triste!
 O dinheiro num existe
 E o banco num qué sortá:
 Como pode a criatura
 Trabaiá na agricultura,
 Sem semente pra prantá?

Não podemos desconsiderar que, guardadas as devidas proporções, o relato das condições econômicas e as dificuldades enfrentadas pelo sertanejo deixam a carta-

poema de Renato Caldas bem próxima das preocupações sentidas e registradas pelo autor de *Os sertões*, diante dos dramas e acontecimentos vividos e conhecidos por quem habita uma terra castigada pela seca. Tal obra, segundo Antonio Candido, apresenta uma importância histórica no contexto nacional, pois pertence ao mesmo tempo à prosa artística e à prosa científica. Em *Literatura e sociedade* (2000, p. 160), o crítico sintetiza:

Livro posto entre a literatura e a Sociologia naturalista. Os sertões assinalam um fim e um começo: o fim do imperialismo literário, o começo da análise científica aplicada aos aspectos mais importantes da sociedade brasileira (no caso, as contradições contidas na diferença de cultura entre as regiões litorâneas e o interior).

A partir da crítica de Antonio Candido, podemos ter a compreensão de que Euclides da Cunha cumpriu a função social como escritor e sociólogo, uma vez que sua obra não apenas expõe os problemas de uma dada região, mas, fundamentalmente, o autor os analisa na própria obra. Na carta-poema de Renato Caldas, o leitor percebe que o poeta reitera a missão dele enquanto interlocutor de uma região, finalizando a poesia com a consciência de quem cumpriu com a sua função social. Através da missiva, apresenta à autoridade máxima responsável pelos problemas agrícolas, o “Sinhô Ministro Cirne Lima”, e analisa alguns aspectos que considera críticos para a sobrevivência dos sertanejos.

As duas cartas-poemas de Renato Caldas evidenciam a problemática e as dificuldades na vida dos nordestinos em tempo de seca no Nordeste brasileiro. Podem-se dizer poemas regionalistas, considerando-se as marcas da linguagem e da cultura nordestina, evidenciados pelo poeta e revelando a sua perspectiva.

A marca regional, que aparece na transcrição direta da fala popular para a obra literária, serve de suporte para uma releitura de um assunto que não se apresenta como algo inédito aos olhos do leitor. Desse modo, as cartas-poemas do escritor açuense reiteram os antigos problemas do sertão e que não foram resolvidos, a despeito de todo o investimento dos governos militares, a exemplo da criação da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste).

O poeta é, ele próprio, um retrato ingênuo e cheio de fé do homem nordestino, uma vez que seus poemas creditam a solução dos problemas a certas decisões parciais, que não eliminam problemáticas de ordem estrutural e política.

Adentrando na leitura de “Um briête”, vemos novamente um canto ao sertão nordestino. No entanto, esse canto não registra apenas o duro cotidiano vivido pelo

homem do campo. O poeta açuense distribui harmonicamente os versos em sete estrofes com um esquema de rimas regular AABCCB que se repete em todas as partes, dando ritmo e sonoridade à fala do eu lírico.

Nas duas primeiras estrofes, o poeta nos apresenta um texto metalinguístico ao falar sobre o modo de criar literariamente a poesia. Ressaltando que o “Cumpade Jóca Mulato” é um poeta porque compreende e conhece o sertão, Renato Caldas traz um tema importante retratado no “Briête”, que é a figura popular e tão intrínseca à cultura sertaneja: o aboiador, ou melhor, “o aboiadô de môrão”, como se refere o poeta. Certamente aquele vaqueiro que fica à porteira do curral, chamando o gado. Para ele, o seu cumpadre é um poeta de fato, pois consegue tocar-lhe o coração ao assanhar “o formigueiro/ da minha recordação...”.

Nesse sentido, a lírica se revela como “o retorno ao coração”, para falar com Staiger (1972), para quem a aproximação entre sujeito e objeto se dá de modo tal que simboliza uma negação à coisificação. Fica evidente, no poema de Renato, o quanto a emoção o move em direção a este elemento que compõe a cultura do nordestino e, nessa direção, contempla a identidade:

Cumpade Jóca Mulato,
És um poeta de fato!
Qui véve e sente o Sertão!
As suas rimas bonitas,
parece qui foram escritas
com a tinta do coração.

[...]

– Vancê matô o Vaqueiro!
Assanhô o formigueiro
Da minha recordação...
Alembrei Luiz do Bréjo,
Esse vaqueiro badéjo
Aboiadô de môrão.

Ao se lembrar de um vaqueiro da região, o poeta se identifica e se aproxima mais de sua gente porque recorda lembranças agradáveis da vida simples e significativa do sertão. Essa viagem às lembranças do passado o faz pensar em uma dimensão tal que, ao observar os cuidados do amigo vaqueiro com uma rês que em dado momento estava faltando para completar o rebanho, ele, carinhosamente, se inclui no curral. A afetiva observação do poeta fica expressa na quarta e quinta estrofes:

Quando Luiz aboiava:
 Trazia a rês qui fartava
 Pra porteira do currá!
 Parecia arucubaca!
 Té eu, qui nunca fui vaca
 ia pará no locá.

Quando dava aquele abôio,
 Punha a tristeza de môio
 na sargadeira da dô ...
 Aquêile grito comprido,
 Tinha fungado, gemido...
 Tinha muxôxos de amô.

A melancolia se revela na saudade que o poeta viveu e compartilhou com seus conterrâneos ao admirar uma vida cheia de beleza e satisfação. Para o poeta, o amigo e também poeta Jóca Mulato apresentou-lhe uma fotografia do espaço social a que pertence. Ele admira, analisa, enaltece e reivindica, como nas cartas-poemas já analisadas anteriormente, melhorias de vida para esse espaço. O sentimento de melancolia toma conta do poeta e continua a dar motivos de lembrar-se do passado que em suas memórias se faz presente. A expressão da melancolia surge em forma de um grito e inicia a sexta estrofe:

Nele existia a beleza!
 Um grito da Natureza,
 de angústia e satisfação
 Era a voz pura da raça
 Compondo aquela argamassa
 De amô, tristeza e afrição.

Ao finalizar o seu “briête”, o poeta enfatiza a capacidade com que o amigo registrou o seu sertão e o convida a partilhar os laços de uma amizade fraterna, deixando desde já a sua estima e admiração pela sensibilidade com que trabalha os versos na sua produção poética. Em “Um briête”, Renato Caldas nos aponta o outro lado da vida simples do sertanejo, cuja beleza vai além das imagens de pobreza e sofrimento com as quais a região tem sido historicamente identificada.

Por fim, vimos que nesse poema há um canto à vida e à arte, apresentado numa linguagem simples que traduz o cotidiano e aspectos da cultura de um povo. O “Luiz aboiador” de Renato Caldas é mais um ser das histórias dos vaqueiros aboiadores já tão

cantadas e contadas pelos grandes mestres da nossa literatura. Acreditamos que o “poeta de letras populares” foi leitor de “O aboiador” e *Vaqueiros e cantadores*, de autoria de Câmara Cascudo, assim como dos romances *O Quinze* e *Vidas secas*, dentre outros textos e obras que tratam a questão do vaqueiro sertanejo.

Registrando a imagem, a vida, os dramas e traumas, a alegria e os anseios dos seus conterrâneos do Vale do Açu, o escritor ultrapassou de algum modo as barreiras regionais, sobretudo por denunciar a grave e difícil vida do sertanejo. Resta-nos, por fim, acreditar e deixar um convite aos leitores para visitarem a obra de Renato Caldas.

Referências

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Arquivos de Correspondências: carta e vida literária de escritores do Rio Grande do Norte*. Edital Universal – MCT/CNPq – nº 14/2010.

CALDAS, Renato. *Fulô do mato*. 6. ed. Natal: Edições CLIMA, 1984.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASCUDO, Câmara. O aboiador. *Revista do Brasil*. Editor: Monteiro Lobato & Comp., São Paulo, Ano VI, v. 67, n. 67, p. 296-298, jul. 1921.

_____. *Tradições populares da pecuária nordestina*. Brasil/Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura; Serviço de Informação Agrícola, 1956. (Documentário da vida rural, n. 9).

_____. *Vaqueiros e Cantadores*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1984 (Reconquista do Brasil; nova série; 81).

CUNHA, Euclides. *Os sertões*. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

MEDEIROS, Francisco de Assis. *Suspiros de Angústia: Bafejos de Amor*. Mossoró: Queima Bucha, 2000.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 64. ed. São Paulo: Siciliano, 1993.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 4. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1953.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da Poética*. Tradução Celeste Aida Galeão. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1972.

STANLEY, Gerald. *Internacional Poetry Review*. Greensboro, Carolina do Norte: Spring, 1991.

WANDERLEY, Ezequiel. *Poetas do Rio Grande do Norte*. Edição fac-similar. Natal: Sebo Vermelho; Clima e Cata Livros, 1993.

WANDERLEY, Romulo C. *Panorama da poesia norte-rio-grandense*. Rio de Janeiro: Edições do Val, 1965a.

WANDERLEY, Romulo C. *Canção da Terra dos Carnaubais*. Natal: Departamento Estadual de Imprensa, 1965b.